

MISHA GLENNY

# O Dono do Morro

*Um homem e a batalha pelo Rio*

*Tradução*

Denise Bottman



Copyright © 2015 by Misha Glenny

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Nemesis: One Man and the Battle for Rio

*Capa*

Cassio Leitão

*Preparação*

Cacilda Guerra

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Glenny, Misha

O Dono do Morro: Um homem e a batalha pelo Rio / Misha Glenny; tradução Denise Bottman. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: Nemesis : One Man and the Battle for Rio.  
ISBN 978-85-359-2737-5

1. Brasil — Condições econômicas - 1985 - 2. Brasil — Condições sociais - 1985 - 3. Criminosos — Brasil — Rio de Janeiro (RJ) 4. Rocinha (Rio de Janeiro, RJ) — Condições econômicas 5. Rocinha (Rio de Janeiro, RJ) — Condições sociais 6. Lopes, Antônio Francisco Bonfim 7. Tráficos de drogas — Rio de Janeiro (RJ) I. Título.

---

16-03137

CDD-981.53066092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil: Rio de Janeiro : Rocinha :

Criminosos : História

981.53066092

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

Prefácio .....	13
Prólogo — A prisão 1 — 9-10 de novembro de 2011 .....	27
PARTE I: O PROTAGONISTA .....	35
1. Eduarda — <i>Dezembro de 1999-junho de 2000</i> .....	37
2. Favela — 1960-1976 .....	49
3. Cocaína — 1979-1989 .....	61
4. Corpos — 1980-1987 .....	71
5. Colapso moral — 1989-1999 .....	84
6. Subindo o morro — <i>Junho de 2000</i> .....	93
PARTE II: HÚBRIS .....	97
7. Massacre — 1993 .....	101
8. Orlando Jogador — 1994 .....	108
9. A lei de Lulu — 1999-2004 .....	118
10. Fratura — 2001-2004 .....	131
11. A Paixão da Rocinha — <i>Abril de 2004</i> .....	144
12. Mr. Jones — <i>Abril de 2004</i> .....	153

13. O rei está morto — 2004 .....	163
14. Bem-Te-Vi — 2004-2005 .....	168
PARTE III: NÊMESIS .....	177
15. A grande mudança — 1994-2004 .....	179
16. Uma ajuda — 2006-2007 .....	182
17. Cuidando dos negócios — 2004-2007 .....	193
18. Não estamos sozinhos — 2007 .....	201
19. A época do boom — 2007 .....	208
20. A noiva de Nem — 2004-2006 .....	214
21. Nêmesis — 1997-2009 .....	221
22. A batalha pelo Rio — 2006-2008 .....	226
23. A idade de ouro da Rocinha — 2007-2009 .....	233
24. Política — 2008-2010 .....	242
25. O Hotel Intercontinental — Agosto de 2010 .....	248
PARTE IV: CATARSE .....	259
26. Primeiro contato — Setembro de 2010 .....	261
27. A tomada do Alemão — Novembro de 2010 .....	267
28. Confissões — Janeiro-abril de 2011 .....	276
29. Luana e Andressa — 9 de maio de 2011 .....	283
30. A prisão II — 3-9 de novembro de 2011 .....	293
<i>Epílogo</i> .....	311
<i>Apêndice</i> .....	329
<i>Agradecimentos</i> .....	333
<i>Notas</i> .....	337
<i>Índice remissivo</i> .....	343

## Prefácio

Minha primeira aterrissagem em Campo Grande foi uma experiência estranha. A primeira impressão que tive foi que a capital do Mato Grosso do Sul parecia não ter quase nada a ver com o Brasil.

Cento e poucos anos atrás, Campo Grande foi construída como cidade planejada, com ruas e avenidas bastante arborizadas. Fiquei impressionado com a quantidade de lojas com grandes vitrines. Os açougues expunham dezenas de peças inteiras de carne magra. Uma loja da John Deere exibia filas e mais filas de tratores. Tinha mais o ar do Texas rural dos anos 1960 do que do sensual Rio de Janeiro ou da industriosa São Paulo.

Nos limites claramente definidos da cidade, os prédios espaçosos cediam lugar a um solo de terra tão vermelha que até parecia pintada. O contraste com o verde intenso da vegetação transformava toda a área numa paisagem de desenho animado.

Bem no ponto onde tudo ficava vermelho e verde, deixei o anel rodoviário pegando uma saída sem sinalização. Tive de me desviar de alguns tambores de gasolina colocados numa estrada

de terra até chegar a um portão com alambrado. Dali era possível ver grande parte da penitenciária federal de segurança máxima. O desenho nítido e moderno das paredes e torres de vigia logo me chamou a atenção. O acabamento dos edifícios tinha tons suaves de amarelo e vermelho pastel.

Depois que o primeiro portão se abriu automaticamente, tive de enfrentar um último obstáculo: barreiras antitanque. Em vista da rica tradição de fugas carcerárias no país, Campo Grande não queria correr riscos. É uma das quatro penitenciárias especiais brasileiras — as outras ficam em Catanduva, Mossoró e Porto Velho — e foi construída para os criminosos considerados de maior periculosidade. Tal como Campo Grande não se parece com cidades mais famosas do Brasil, essa cadeia também é diferente da maioria de suas prisões.

Em primeiro lugar, os guardas são sempre simpáticos e educados. Alguns falam um inglês muito bom, coisa rara no interior do país. Dentro dos limites de suas funções, todos se empenharam em me ajudar.

Não havia sinal algum da miséria, da superlotação e da violência latente associadas a grande parte do sistema penitenciário. A prisão de Campo Grande tem uma aura de ordem e previsibilidade. Não é um regime fácil para os reclusos, mas não há notícia de violação dos direitos humanos nem reclamação de atos de violência arbitrária. Nenhum prisioneiro das quatro penitenciárias foi vítima de assassinato cometido por outros detentos e nunca houve uma fuga bem-sucedida, ocorrências corriqueiras no restante do sistema penal.

A notoriedade dos prisioneiros é a razão principal da administração carcerária de invulgar eficiência. Antes, os grandes assaltantes de bancos e chefes de cartéis de drogas continuavam a operar de dentro da prisão sem ser perturbados. Nos presídios municipais e estaduais, é prática corrente subornar os guardas

mal remunerados para fazer vista grossa às coisas que ali entram de maneira clandestina, desde celulares, drogas, aparelhos de videogame e televisões até mulheres para relações sexuais.

Em Campo Grande, a única maneira de os presos poderem receber mensagens do mundo exterior, afora as cartas, que são rigorosamente monitoradas, é por meio de seus advogados ou de parentes que tenham permissão para visitá-los. Isso impõe dificuldades até para os criminosos mais organizados.

Depois de deixar meus objetos pessoais num compartimento trancado, passei por uma série de procedimentos de segurança e controles biométricos. Fui autorizado a ficar com o relógio, os óculos e, por uma permissão especial do Judiciário, um gravador digital e nada mais. Esses três objetos foram checados e recheckados antes que dois agentes federais me levassem a uma sala retangular com cerca de 3,5 por 6,5 metros.

À esquerda, havia uma mesa com computador e câmera de vídeo. A parede do lado direito era coberta por uma cortina com as palavras DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL em letras maiúsculas. A sala era usada por prisioneiros ao comparecer em videoconferência em qualquer lugar onde se realizassem as audiências do julgamento — Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus ou Recife.

À minha frente estava sentado o homem que eu fora visitar — Antônio Francisco Bonfim Lopes, o Nem da Rocinha.

Visitei o Brasil pela primeira vez cerca de sete anos antes, em 2006. Estava animado, com uma grande curiosidade e também uma intensa sensação de alívio. Vinha fazendo pesquisas para *McMáfia*, meu livro sobre o crime organizado global, e minha viagem anterior me levara a Dubai. Descobri que os Emirados Árabes Unidos não tinham grande coisa a recomendá-los. País de

uma quentura insuportável, sua identidade parecia enterrada a grande profundidade sob as areias escaldantes do deserto, obscurida pela busca incansável de riquezas até eliminar qualquer coisa que se pudesse identificar como cultura. Além disso, como jornalista, fiquei bastante frustrado, pois era quase impossível convencer alguém a falar. Mesmo em termos oficiosos, praticamente ninguém se dispunha a comentar o papel de Dubai como centro de lavagem de dinheiro e para obtenção de bens e serviços ilícitos.

No mesmo instante em que cheguei ao Brasil, percebi que ali se aplicava o contrário. Não conseguia fazer com que as pessoas parassem de falar. Creio que foi no segundo dia em que eu estava em São Paulo: um agente do serviço de informações me passou o arquivo completo que o Brasil reunira sobre as atividades suspeitas de ilegalidade de Boris Berezovsky, o oligarca russo estabelecido em Londres, que morreu em 2013. A partir daí, falei com advogados, políticos, criminosos, vítimas e jornalistas, e todos ficaram muito contentes em me contar suas histórias sobre a cultura do crime, da política e da corrupção no país. Para um jornalista, o Brasil era como um paraíso. Até o momento, claro, em que o jornalista começa a pisar nos calos de gente importante. E aí o céu logo pode se revelar um verdadeiro inferno.

Pude ter uma ideia de como o Brasil pode deixar de ser um lugar tão inspirador e se transformar num lugar de fato assustador quando cheguei a São Paulo em maio de 2006, três dias antes da rebelião do Primeiro Comando da Capital (PCC), que paralisou o maior centro industrial da América do Sul durante dois ou três dias. Foi um choque considerável ver como uma metrópole tão sofisticada podia ficar refém de uma organização criminosa. Outro choque foi ver como a Polícia Militar executou sua vingança logo a seguir, numa orgia de chacinas extrajudiciais.



Tal como fiz antes de visitar outros países, como a China e a Índia, durante as pesquisas para *McMáfia*, consultei a Amazon para ver quais eram os livros mais recentes e interessantes sobre o Brasil publicados em inglês. Encontrei centenas deles sobre o crescimento da China e dezenas sobre o desenvolvimento da economia indiana. Mas, no que se refere ao Brasil, encontrei apenas uma meia dúzia. Eram, na maioria, narrativas políticas de viagens, na linha de *Brasil: Terra de contrastes* (uma figura literária anglófona padronizada).

Quando comecei a explorar o país, esse patente desinteresse me deixou perplexo. Avaliando o tamanho enorme do Brasil, perguntei-me por que não havia mais publicações, em vista da espantosa diversidade da experiência brasileira. Diante da relativa escassez de livros de não ficção sobre o assunto, passei a pensar na possibilidade de voltar algum dia ao país, para tentar eu mesmo escrever alguma coisa.

Segundo minha experiência, os brasileiros sentem imensa curiosidade em saber como os outros os enxergam, justamente porque o país não é muito conhecido fora da América do Sul (é também espantoso notar a quantidade de ideias equivocadas que os países vizinhos têm sobre o Brasil). Mas um legado do colonialismo português é uma alta suscetibilidade a críticas externas. O Brasil foi por muito tempo uma terra que teve suas riquezas arrebanhadas para o benefício muitas vezes frívolo de seus senhores de Lisboa. Assim, antes de começar as pesquisas para este livro, senti a obrigação de aprender o máximo possível sobre o país.

Comecei lendo sobre sua história. Como tantos outros estrangeiros crus no assunto, fiquei sem graça ao perceber que não sabia quase nada, atolado como estava no pântano dos clichês e estereótipos culturais que parecem afetar o Brasil de maneira desproporcional em comparação a outros países. Um dado fundamental foi descobrir que a quantidade de negros escravizados da

África Ocidental remetidos para o Brasil foi cerca de dez vezes maior do que a dos remetidos para os Estados Unidos. A ideia geral que se tem da escravidão passa quase exclusivamente por nosso conhecimento do Sul dos Estados Unidos, tal como ela é retratada em livros e filmes (no Reino Unido, nosso conhecimento da escravidão passa também pela experiência do Caribe).

No entanto, esse imenso tráfico negreiro é fundamental não só para a autodefinição do Brasil, mas também para suas diferenças em relação aos vizinhos sul-americanos. Descobri ainda que ele é talvez o país mais importante do mundo em termos de riqueza e amplitude de recursos naturais à sua disposição. Apesar disso, nós no estrangeiro não ouvimos quase nada a esse respeito, com exceção do desmatamento da Amazônia. Por que, perguntei a mim mesmo, tão pouca gente fora do Brasil sabe alguma coisa sobre o país, tirando o Carnaval, o futebol e a Garota de Ipanema? Quanto mais eu descobria, mais sentia que gostaria de voltar algum dia para escrever sobre ele.

Escavando nas escuras profundezas da memória os restos do latim que aprendi na escola, descobri que conseguia ler as manchetes dos jornais, as placas de rua e os cardápios em português. De volta à Inglaterra, descobri também que, com o auxílio de um dicionário, conseguia avançar aos trancos e barrancos em artigos simples da *Folha de S.Paulo* ou de *O Globo*. Claro que outra coisa bem diferente era tentar entender uma única palavra que alguém dissesse!

Notei a importância da língua portuguesa logo após minha primeira chegada. Todos os povos dão muito valor à língua materna, mas, quanto mais eu explorava o Brasil, mais me convencia de que o português era o elemento cultural mais importante, que mantinha a coesão desse país notável. Não o futebol, não a música, não as características geográficas, como o Amazonas ou o litoral. Mas a língua.

Uma leitura superficial da história sul-americana moderna não explica por que o Brasil manteve sua coesão na primeira metade do século XIX, ao passo que os territórios de língua espanhola se fragmentaram quando a força centrípeta da Espanha se dissolveu. Em primeiro lugar, creio que a resposta está na constelação de fatores e processos políticos específicos que levaram à independência do Brasil. Mas com o passar do tempo, parece-me, a língua foi adquirindo importância sempre maior para a criação de uma identidade brasileira moderna.

Se pretendo escrever um livro sobre o Brasil, raciocinei, preciso no mínimo tentar aprender português. Levei algum tempo até entender como essa é uma língua enganosa. Comecei a aprendê-la em Nova York, no início de 2012, e percebi que, depois de uns seis meses, conseguia ler jornais, revistas e até livros inteiros sem muita dificuldade.

Mas não estava preparado para a língua falada.

Já falo vários outros idiomas, que em termos gramaticais são mais complexos do que o português e sem dúvida mais distantes do inglês. Mas, por causa da pronúncia, o português é muito mais difícil de aprender do que, por exemplo, o espanhol ou o italiano. E é excepcionalmente difícil aprender a identificar as relações entre a língua falada e a escrita.

A tarefa ficava ainda mais pesada porque, a essa altura, eu já tinha passado dos cinquenta. Por uma série de razões, é muito mais difícil aprender uma nova língua com idade mais avançada, e sobretudo falar. Além disso, eu nunca conseguia ficar no Brasil mais do que dois meses por vez e, em geral, em períodos de duas ou três semanas, o que significava que nunca ganhei a fluência que pretendia.

Não que isso fosse me ajudar nas conversas com Antônio Bonfim Lopes. Ele fala de modo claro, mas sua linguagem vem recheada de expressões e palavras que só são compreensíveis nem

digo para os moradores das favelas, mas apenas para os moradores da Rocinha. E assim, apesar do meu esforço de aprender português, um intérprete profissional sempre me acompanhava em minhas visitas à prisão. Eu precisava entender ao máximo o que Nem dizia na hora em que dizia.

O Brasil não é um lugar fácil para trabalhar como escritor. É um país caro e sua infraestrutura tende a falhar nas horas mais inconvenientes. Por mais que eu queira evitar estereótipos sobre o povo, o clima é um desafio constante. Na primeira vez em que estava com visita marcada a Campo Grande, em março de 2013, fiquei ilhado quando um temporal de proporções bíblicas caiu sobre o bairro de Botafogo, transformando a rua Voluntários da Pátria num rio torrencial, por onde pequenas árvores desciam a toda a velocidade. Eu estava de bermuda e camiseta, e era como se trouxesse escrita a palavra GRINGO na testa. Quando afinal cheguei ao aeroporto Santos Dumont, em cima da hora do voo, mais parecia alguém saído da selva depois de cinco anos. Com minha única muda de roupa encharcada, tive de aguentar o ar condicionado geladíssimo da Azul durante duas horas e meia.

Outro desafio me aguardava quando debandei para a Rocinha, para a primeira de minhas temporadas por lá, que durou pouco mais de dois meses. Depois do relativo conforto do Leme e de Botafogo, não é que a vida na Rocinha tenha sido um choque — foi apenas absolutamente diferente. Alguns amigos estavam preocupados com minha segurança lá. Mas no começo da estadia, conversando com o homem que me fornecia cafezinho e pão de queijo quase todas as manhãs, ficou clara uma verdade importante. “Bom, aqui na rua 1 talvez seja o lugar mais seguro do Rio para você neste momento”, respondeu ele quando perguntei sobre minha segurança pessoal. Manifestei uma leve surpresa e perguntei por quê. “Em primeiro lugar”, disse ele, “todos os ladrões e assaltantes estão fazendo o Leblon, Ipanema, Copacabana e os

outros locais de turistas. Eles vêm para cá dormir e não fariam merda na porta de casa.” Parecia uma suposição razoável. “Mas aqui na rua 1 o pessoal já notou tua presença”, continuou, referindo-se a mim, “e não vai te acontecer nada, pois te consideram um dos locais.”

Eu estava morando lá depois da entrada da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na favela. Mas ela não livrou a comunidade das armas e do tráfico de entorpecentes. A Polícia Militar controlava a via principal — a estrada da Gávea — e a grande área comercial na parte baixa da Rocinha. Porém, quanto mais você se afastava dessas regiões, mais frequente era ver os membros restantes da facção de drogas, a Amigos dos Amigos (ADA), superarmados de pistolas e semiautomáticas. Desde que você não represente nenhuma ameaça visível, eles são mansos. Mas se fizer alguma coisa que dê a impressão de que é informante, então é quase certeza de que terá problemas. Como gringo, eu tinha proteção adicional, como quando andava pelos limites da favela, pois a maioria das pessoas imaginava que eu estava perdido ou era doido, ou as duas coisas ao mesmo tempo (o que, para ser justo, talvez fosse verdade).

A Rocinha divide-se em dezesseis bairros, e alguns têm subdivisões. É uma comunidade muito complexa e elaborada, com uma infraestrutura mais avançada do que a maioria das favelas. Em comparação aos cortiços da África do Sul e da Índia onde passei algum tempo, é uma colmeia de atividades econômicas frenéticas. E isso é inevitável — se você não está trabalhando sem parar em troca de um baixo salário, é provável que esteja cuidando de alguma coisa relacionada à criação dos filhos. As pessoas vivem incrivelmente atarefadas, e a comunidade é, em muitos aspectos, autossuficiente.

As várias classes e comunidades do Rio respeitavam umas às outras em seus contatos ocasionais, mas o que me chamava a

atenção era a enorme diferença entre suas experiências cotidianas, quase como se vivessem em países separados. A vida na favela é inimaginável para a maioria das famílias de classe média; na verdade, a maioria dos brasileiros de classe média nunca se arrisca a entrar numa favela. E, ainda que os moradores das favelas em geral saibam como vivem os outros, pois trabalham como empregadas, jardineiros ou porteiros, não é um estilo de vida que possam ou queiram levar.

Até novembro de 2011, quando foi preso, Antônio Bonfim Lopes era o homem mais procurado do Rio de Janeiro, se não do Brasil inteiro. Ouvi falar dele pela primeira vez em 2007, quando fiz uma das várias excursões pela Rocinha oferecidas a turistas. Além do tamanho da favela, tida como a maior da América do Sul, sua especificidade está na localização, bem no meio de três dos bairros mais ricos do Rio. Quando estive lá pela primeira vez, já era um ponto turístico muito procurado. Podia-se ir numa van, subindo a estrada da Gávea e parando para olhar o amontoado de barracos de cores vivas onde mora uma parte de seus 100 mil habitantes. Fazia-se um rápido giro por um grupo de atividades depois do expediente, organizado por uma ONG local, e depois comprava-se alguma pintura naïf, como maneira de contribuir para a irrecuperável economia da favela.

Um de meus guias na época explicou que o homem que comandava a Rocinha se chamava Nem. Falou com toda a sinceridade que Nem, o chefe do cartel de drogas local, “é o homem que mantém a paz aqui na Rocinha”.

Refleti sobre a posição, o poder e a responsabilidade de Nem. Ao contrário da maioria dos grandes traficantes, ele não se esbaldava com a iconografia do poder e do machismo. Não tinha página no Facebook e circulavam pouquíssimas fotos suas; apesar da

grande quantidade de material sobre seus predecessores, comparadas e inimigos, a personalidade de Nem se esquivava. Como todos os chefes do narcotráfico nas favelas, ele detinha o monopólio da violência e não prestava contas de suas ações. Suas descrições na imprensa e, mais importante, as descrições de seu comando vinham cercadas de histórias sombrias de ameaças, intimidações e torturas. Mas, quando visitei e comecei a conhecer os moradores da Rocinha, surgiu uma imagem muito diferente. Ele podia ser uma figura bastante misteriosa para o mundo exterior, mas dentro da favela falavam dele como uma pessoa acessível e fácil de conversar. Além disso, quase todos ressaltavam como a vida era pacífica e organizada sob o comando de Nem.

Qual das imagens era correta? Ou elas podiam coexistir lado a lado?

Lembrei-me de Nem quatro anos depois, quando foi preso logo após a meia-noite a alguns quilômetros da Rocinha. As circunstâncias da prisão, é claro, foram dramáticas. Comecei a cavar um pouco e fiquei surpreso ao ver que, antes da prisão, ele dera algumas entrevistas a jornalistas brasileiros. Nem tinha sido apresentado pelos meios de comunicação como um assassino impiedoso, que envenenara a vida de inúmeros jovens com o comércio de drogas. As entrevistas insinuavam outra história bem diferente. As respostas de Nem eram ponderadas e sugeriam que ele compreendia bem a importância social e política do papel que desempenhava como efetivo presidente, primeiro-ministro e empresário mais poderoso de uma cidade de porte médio.

Assim, no inverno brasileiro de 2012, escrevi a ele na prisão, apresentando-me e pedindo que me recebesse. Agora, passados oito meses, ali estava eu em Campo Grande: diante de mim, Nem, o inimigo público número um. As regras da penitenciária, é evidente, me proibiam de ter qualquer contato físico com ele, inclusive um aperto de mãos. Nessas circunstâncias, nossas primeiras saudações foram bastante cerimoniais.

Nem estava com o uniforme regulamentar da prisão, calça de algodão e camiseta azul. Quando ficou de pé para ser levado da sala, pude ver que era magro e alto, talvez 1,85 metro. Tinha pele morena, com um rosto estreito e a mandíbula superior um pouco saliente. Estava com o cabelo aparado rente, de forma que não se viam os cachos tão conhecidos das duas imagens mais comuns que circulavam na internet. O mais impressionante eram os olhos escuros, tão negros que a íris e a pupila pareciam se fundir. Ficou evidente na hora que a fonte básica de seu carisma físico eram os olhos: podiam perscrutar nossa alma, mas não davam nada em troca.

Ele usou comigo o tratamento respeitoso de “senhor”. Estando eu, no começo, apenas um pouco familiarizado com as nuances do português, tratei-o simplesmente por Antônio.

A certa altura daquele encontro, minha caneta caiu. Ao apanhá-la, vi que suas pernas estavam acorrentadas à mesa de aço, esta, por sua vez, aparafusada no chão. Nem também declinou o café e a água, pois teria de erguer as mãos até a mesa, mostrando as algemas (nos encontros posteriores, elas foram removidas). Parecia se sentir humilhado com a situação.

Mas mostrou-se plenamente disposto a falar de sua vida, tanto pessoal quanto profissional. Estava, e continuava a estar, até o lançamento deste livro, em prisão preventiva, de forma que havia certos assuntos que não podia comentar, pois se relacionavam com questões judiciais ainda em curso.

Nos dois anos seguintes, fiz dez visitas a ele. Nas duas primeiras vezes, cada encontro durou duas horas; nas outras, três horas. Entrevistar um prisioneiro dentro da cadeia é sempre uma coisa esquisita. Mas esses encontros eram especialmente estranhos. Criei uma relação intensa com Antônio — sempre nas circunstâncias mais incomuns, em parte, talvez, justamente por causa disso. Aos poucos, começamos a falar de questões íntimas e



profundas, algumas das quais talvez ele não comentasse nem mesmo com a família. Falamos de drogas, de violência, de liderança, de fé, de família e da sobrevivência entre as adversidades do mundo.

O que se segue é a história de Nem. Embora seus depoimentos tenham papel central nesta narrativa, naturalmente não me baseei apenas em sua versão. Conversei com parentes, amigos, inimigos, os policiais que o investigaram, os políticos que negociaram com ele, os jornalistas que escreveram sobre ele e os advogados que o representavam.

Os nomes e as ações dos outros personagens citados neste livro foram descobertos por mim em minhas investigações e pelo que está disponível em acervos variados. Nem nunca falou sobre eles, a não ser quando questionado especificamente, instigado pela minha pesquisa.

É uma história, creio, que mostra muito da natureza do Brasil contemporâneo — seus lados positivos e negativos. Mas que também nos conta como as pessoas sobrevivem e até prosperam nas condições mais adversas. Como elas lidam com a estreita linha entre a vida e a morte.